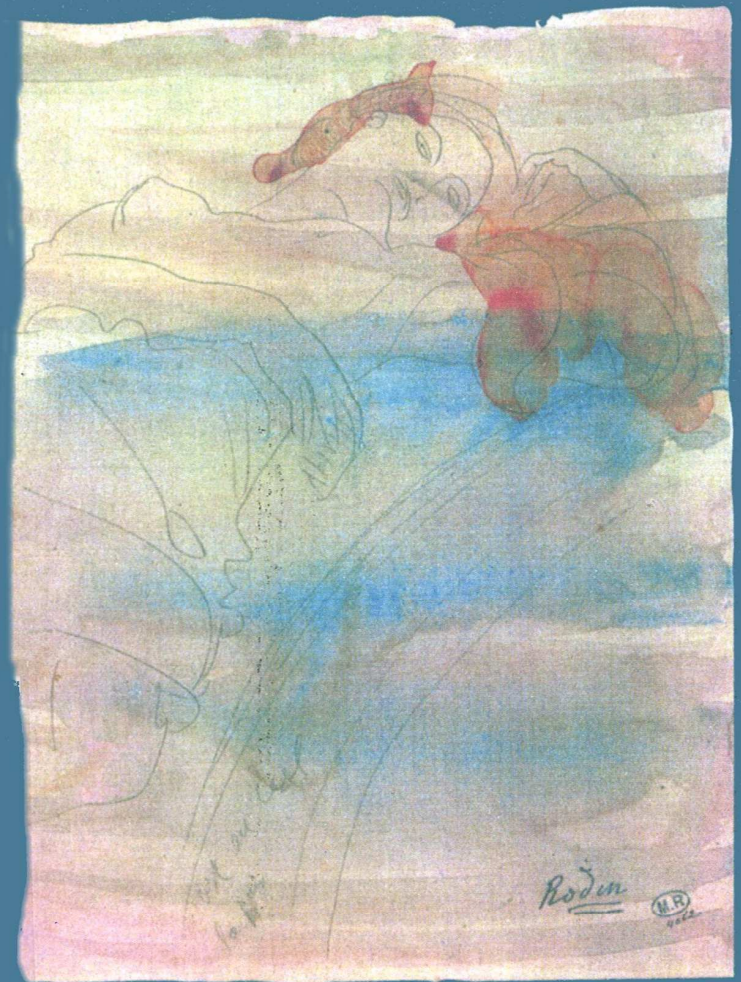


Luís Souta

AMARDOR



Luís Souta é natural de Belmonte,
distrito de Castelo Branco.
Antropólogo da Educação e pro-
fessor na Escola Superior de Edu-
cação de Setúbal

AMARDOR

Luís Souta

Prémio de Poesia 2002
da Junta de Freguesia de Castelo Branco

Título
AMARDOR

Autor
Luís Souta

Prefácio
Júlio Conrado

Capa
Auguste Rodin (1840-1917) "Arc en ciel"
Musée Rodin, Paris
in A. Rodin *Erotic Drawings*, Thames and Hudson (1995:30).
Design do Centro Gráfico do IPS.

Edição
Junta de Freguesia de Castelo Branco
Maio 2003

Tiragem
200 exemplares

ISBN: 972-8580-52-5

Dep. Legal: 197139/03

Impressão
Gráfica de Coimbra, Lda.

Para Bt

**«a saudade da mulher amada
é que é a mulher da nossa paixão»**
Teixeira de Pascoaes, *Livro de Memórias*.

«o amor dói»
Maria Velho da Costa, *Irene ou o Contrato Social*.

**«Amor
firme
leal
Queres-me bem ou mal?»**
Popular

Prefácio

As emergências do amor e a sedução do verbo que as ritualiza em texto lírico são favoráveis à libertação do estro dos poetas e Luís Souta, tocado pela varinha mágica de Eros, não escapou a essa fatalidade que busca os amadores nos seus momentos mais vulneráveis para se cumprir à custa dos seus delírios e das suas dores.

O discurso deste estreante na difícil arte de escrever poemas encontra na cumplicidade do mar um sólido bordão para se espriar em múltiplos afloramentos alegóricos da paixão. O próprio título do livro, decomposto, *A-mar-dor* (a dor do mar) remete para a definição de um espaço marítimo que se oferece como chão improvável a um romance bem começado e mal concluído. Um chão líquido, deslizante, fugidio, todavia luminoso e atraente, em que a paixão se consoma no máximo de esplendor para se afundar num rápido estertor disfórico, dá a medida de um amor de passagem mas não insequente, breve mas que deixou sulcos na memória, fugaz mas caprichosamente recorrente como tema, mesmo quando tudo indicaria que como tema fosse desdenhável.

Este livro, dividido em duas partes, “conta”, já com certeza se percebeu, uma história de amor que vai do êxtase ao repúdio. É patente na poesia de Luís Souta sensibilidade para tratar o assunto num registo emocional que toca o leitor,

convidando-o à partilha tanto do prazer como do drama, usando a técnica dos planos antitéticos para criar tensões e conflito. Talvez a sua escrita ressinta ainda alguma imaturidade resultante do que terá sido um primeiro mergulho na “coisa” poética, evidente num ou noutra vocábulo mais duro, numa ou noutra expressão menos lograda em termos de eficácia metafórica ou de pertinência alusiva. Mas esse é o preço a pagar quando na urgência dos afectos se dá maior ênfase ao apelo dos sentimentos do que à ourivesaria da escrita. E é, sobretudo, matéria de crítica, não matéria de prefácio.

Amar dor será, estou convicto, a rampa de lançamento de um poeta cujo potencial poderá vir a explodir já no próximo livro. Por ora, fica a certeza da presença de um talento à procura do seu próprio rumo, mas com coordenadas bem definidas pela necessidade de acertar o passo pelo dos melhores intérpretes da nossa excelente poesia de amor. Este livro com o mar em fundo não é uma paisagem sem barcos. É uma promessa literária segura, honesta, sóbria de meios mas pujante de sensações, um bom ponto de partida para algo que eu espero muito sinceramente venha a alcançar o cume da montanha. Montanha que pode ser a serra da Arrábida, por causa da proximidade do mar e das atribulações do amor.

Aqui deixo a Luís Souta um forte abraço, com a maior confiança no futuro da sua carreira de escritor.

S. João do Estoril, 26 de Março de 2003

Júlio Conrado

Primeira Parte

A ENCHENTE

I

Campos do Sul

Em tempos apaixonei-me pelo Sul
Por lá andei a impregnar-me de isolamentos
e ritmos de tranquilidade.
Num entorpecido deambular telúrico
prendi imagens de serenidade:
naturezas despidas de gente
campos não violados de betão;
enlevos que fascinam
quem sempre atravessou o quotidiano
desolador das pobreza suburbanas.

Cascais, Julho

II

Fim de tarde em praia quase deserta

Contemplo o teu rosto
que se desdobra em poses sucessivas
de uma alegria cativante:

O vivo marulhar do teu riso

O agitado ondular dos teus cabelos

O brilho solar dos teus olhos

A fresca brisa da tua voz

A suave maresia do teu odor.

Neste sereno fim de tarde

o sol esconde-se, de mansinho, na Arrábida.

As gaivotas retornam ao branco areal

os barcos de pesca acostam ao carcomido cais.

É a hora do regresso.

Só nós partimos, em sentido contrário

numa viagem onde ir é mais urgente que chegar.

O amor lança-nos para lá da rebentação das ondas

na planura das águas calmas

estrada sem trilhos

nem rastos denunciadores.

Uns regressam de redes vazias

Outros abalam no desejo de as encher.

Portinho da Arrábida, Outubro

III

Quente, em frio Inverno

Vento, chuva, nevoeiro

O frio e a humidade invadem a casa

Pressinto o desconforto em cada quarto

Busco uma camisola, um cobertor

Acendo a lareira

O crepitar do fogo aquece-me... por fora

Por dentro, continuo a tremer, enregelada.

Fecho então os olhos

e procuro-te.

Aí estás, perto de mim

um abraço que me aconchega

um beijo adocicado que se alonga.

O calor do teu corpo contagia-me

A fornalha arde

No olhar cruzado: o desejo.

Sinto o teu corpo invadir-me
lentamente
o frio esvai-se.
Os ritmos cadenciados
dentro de mim, tornam-me febril.
A volúpia esgota-nos
E num leito morno
adormecemos enroscados
nos corpos e nos sonhos.

És o sol do meu frio Inverno!

Praia de Santa Cruz, Novembro

IV

Amor com mar por perto

Da janela do quarto avisto a praia
assaltada pelo mar em fúria.
Um areal que se encurta
tragado pelas marés vivas de lua cheia.
As águas revoltosas
são vencidas no paredão
recuam e voltam à carga
num vai-e-vem obstinado e sem sentido.

O ruído da rebentação
invade-nos o quarto.
De início, sobressalta-nos
depois, por lá fica
qual música de fundo
sem maestro nem instrumentos.

Detenho-me a admirar
aquela paisagem agreste, bravia
de arribas altas, descarnadas
envoltas numa bruma salgada
que o oceano não cessa de alimentar.

Então, noto o teu braço
à roda minha cintura
O teu corpo quente
molda-se ao meu.
Viro-me, e revejo o mar
nos teus olhos húmidos
desafiadores, convidativos.
Reencontro a maresia
no calor dos teus lábios.

O mútuo desejo de mergulhar
arrasta-nos para um leito de paixão.
Ali nos consumimos
numa excitação que se prolonga
em ciclos sucessivos de prazer
sem barreiras... até ao clímax.
Por limites... o esgotamento e a exaustão.
Encharcados de amor
deslizamos num sono lânguido
... mas agitado.

Receio o despertar:
quando o cálido encanto da tua chegada
der lugar ao frio desalento da partida.

Praia da Ericeira, Dezembro

V

Intimidades crepusculares

Observo-te sobre a cama,
nua, ardendo em desejo
numa espera que desespera.
As tuas faces escaldam
Os lábios abrasam
O sangue lateja.

Entro afoito
na tua indiscreta intimidade.
Nesse fogo me afogo
até declinar o dia.
Dás-me um abraço
de sol poente
e juntos tombamos
num sono esgotado
de amor perene.

Ribeira d'Ilhas, Março

VI

Corpo sensual

Gesto largo que convida
Rosto alegre que encoraja
Cabelo solto que enleia
Olhar atrevido que insinua
Voz quente que aproxima
Riso fresco que sedenta.

Lábios suculentos que alimentam
Beijo melado que adoça
Seios breves que amamentam
Colo côncavo que acomoda
Mãos delicadas que afagam
Abraço terno que entrelaça.

Ancas arredondadas que escorregam
Nádegas firmes que almofadam
Coxas sedosas que deslizam
Púbis discreto que atrai
Sucos acres que aprazem
Odores perfumados que entontecem
Corpos escaldantes que se fundem.

Amor ardente que extravasa
sacia, esgota... e pede mais.

Foz do Lizandro, Agosto

VII

Adagio molto semplice

A Maria João Pires

Só, num palco enorme
um imponente piano preto:
mãos hábeis
virtuosas
percorrem o teclado em movimentos mágicos
e extraem-lhe
(sem artificialismos tecnológicos
de amplificadores, micros e colunas)
sons cristalinos, límpidos, naturais.

Recital clássico, ritualizado, sóbrio:
num espaço despido de adereços
Maria João encobre-se num trajar escuro
como a dizer que ali
só as suas mãos (onde cai um foco de luz branca)
merecem o nosso olhar
de admiração
pela música que delas se desprende
(Beethoven e Chopin
num repertório de fantasias, sonatas e variações).

A teu lado, oiço estas musicalidades ¹
que me aprisionam
e, rendido, me libertam.
Então, lentamente
os olhos cerram-se:
inundado de sons
(que aconchegam)
mergulho em sonhos
de felicidade adiada.

Carvalhal-Formoso, Outubro

Segunda Parte

A VAZANTE

¹ «Musicalidades», encontros de Montemor-o-Novo, 2001.

VIII

(In)evitável

Sorvo as memórias
de um passado
que me alimenta.
Tu, sempre tu...

Imagens de fugazes momentos
intensos de êxtase e paixão.
Entrecortados, descontínuos
na cronologia de um ano (in)perfeito.

Organizo essas lembranças num arquivo
(in)visível, (in)confessável e (in)transmissível.
Nele mergulho em dias aziagos
de dor e abatimento.

Num presente pleno de (in)seguranças
receios (in)fundados, ambíguas (in)certezas
dúvidas atrozes
temo a antecipação desse (in)provável futuro
em que te vou perder.

Afundo-me num amor volúvel
(in)certo, (in)constante
movediço, frágil de alicerces.
A ruir, não pelo contexto
mas traído no pretexto
do efémero irrecusável.

E neste (in)quieto alvoroço
tolhido de movimentos
num silêncio de abandono
aguardo, (in)paciente e (in)tranquilo,
uma palavra, um sinal, um gesto que seja.
A confirmação que estás aí
ainda aí,
à minha espera.

Afinal ser (in)feliz
não está nas minhas mãos.

Belmonte, Junho

IX

Aparto-me de ti... para te reencontrar

Rumo ao Sul
À terra do sol intenso
Das manhãs precoces e luminosas
Das tardes longas e abrasadoras
Das noites curtas e cálidas
Do oceano bonançoso
em praias de dunas suaves.

Fujo do vento que não sossega
Das densas neblinas
Das frias madrugadas
Das névoas do fim de tarde
Das noites húmidas
Do mar bravo
em praias de arribas íngremes.

Afasto-me desse falso Verão
que o calendário anuncia
E eu não sinto
mas pressinto.

Ávido da harmonia dos dias
Vou em busca da serenidade
Da calma interior
Do sossego lícido
que me ajude a reencontrar
o sentido dos afectos.

Parto para apaziguar inquietações
Aplacar tumultos
de um sofrimento contido
mas contínuo.

Abalo para me libertar
dessas grossas peias
Dessas fortes amarras
que me prendem a ti.

Ao mar revolto
tantas foram as vezes
que lhe gritei a minha paixão.
Hoje, aqui chegado
a este mar chão
sussurro-lhe mágoas e tristezas.

Meia-Praia, Junho

X

Amor estilhaçado

Tudo se enublou em meu redor
Um choro sem lágrimas ecoa dentro de mim
O outono dos afectos invadiu-me
quando o Verão se anunciava
O amor arrefece em contra ciclo.

Às vezes, o sol rompe, ténue
Afaga-me o ânimo e a alma
(quando o fogo, esporádico, da nossa paixão
entrelaça os nossos corpos
em horas breves... de puro engano).

Mal os corpos se apartem
o laço desfaz-se
e sinto-te vazia de mim
Fruto que não perdura
para lá dos momentos fugazes do deleite.

A lasciva intimidade perdeu-se
E agora, um constrangimento magoado alastra
numa posse esvaziada de palavras
Prazeres calados
aprisionados num sufoco.

Hesitamos nos vocábulos
Medimos o alcance de cada frase
Acautelamos mal entendidos
Ziguezagueamos discursos interditos
(como se pisássemos terreno armadilhado).

Por isso, as conversas tornam-se esparsas
A tua voz macia emudece
O meu deslumbramento esboroa-se
Só as nossas mãos, os nossos lábios, os nossos corpos
teimam em comunicar e entender-se.

Praia Grande, Junho

XI

Opostos

Junho avesso de Julho
de tão semelhantes se confundem
em oralidades despreocupadas de dicção.
Há então que acentuar o *nh* ou o *lh* para os destrinçar
(mas até o *n* e o *l* têm algo em comum – consoantes alveolares).

Este foi um Verão de opósitos
A gramática dos nossos sentimentos encalhou em Junho
(nesse do *n*, nasal e oclusivo)
mês de sombras, dor e desânimo.
Mas eis que Julho
(o do *l*, oral e sonoro)
mês da luz, alegria e alento
trouxe de novo o arrebatamento.

Questiono-me:
nesse esparso interregno
o que fez a diferença
da tua (trans)mutação?
E que *l* superou o *n*?
Enigma que não decifro
Sei apenas que a nossa questão
é mais semântica que fonológica.

Praia de São Julião, Agosto

XII

Outonal

Tranquilidade enganadora
a destes dias de Outono.

Eles são a transição
do sufocante Estio
para um agreste Inverno.

Meses volvidos
agendas esfolhadas
o nosso amor está, também ele, outonal:
falta-lhe o ardor constante
das primícias paixões.

Palhais – Ribamar, Outubro

XIII

Ciclo fechado

Estas árvores de Inverno
São a nossa metáfora:
cresceram, ganharam porte, fortificaram
mas hoje estão despidas
de folhas, frutos e flores.

Num emaranhado de troncos, ramos, galhos
(tal como os nossos projectos de futuro)
presente-se o novo ciclo
numa Natureza que nunca (se) engana:
a Primavera vem aí.

Mas o nosso amor é já incapaz de “florir”.

Praia das Maças, Dezembro

XIV

Corte radical

Numa radicalidade
à medida da pequenez dos meus limites
recorro ao barbeiro e determino: «máquina zero!»

Olho-me ao espelho
e não me reconheço
naquele rosto calvo.

Só a tua voz
(que não pára de ecoar em mim)
me faz sentir
que ainda sou eu.

Pai do Vento – Alcabideche, Dezembro

ÍNDICE

5 Prefácio

Primeira Parte: A ENCHENTE

- 9 Campos do Sul
- 10 Fim de tarde em praia quase deserta
- 11 Quente, em frio Inverno
- 13 Amor com mar por perto
- 15 Intimidades crepusculares
- 16 Corpo sensual
- 17 Adagio molto semplice

Segunda Parte: A VAZANTE

- 21 [In]evitável
- 23 Aparto-me de ti... para te reencontrar
- 25 Amor estilhaçado
- 27 Opostos
- 28 Outonal
- 29 Ciclo fechado
- 30 Corte radical